

EQUOTERAPIA: TRATANDO AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E A PSICOMOTRICIDADE COM O TROTE DE CAVALO

PRISCILA F. M. Rorig
2469526

Orientadora: ALBRECHT, Ana Rosa Massolin

RESUMO

Ao longo dos anos o uso de terapias através de atividades equestres vem aumentando consideravelmente. Na área da saúde, psicologia e educação muito se tem buscado a respeito de terapias e soluções alternativas, que cada vez mais vem ganhando espaço e aprovação. Nesse sentido, busca-se responder a seguinte indagação: Qual a contribuição da equoterapia na construção de metodologias terapêuticas e educacionais? Há diversas melhorias para aprendizagem psicomotora e reabilitação psicomotora. Desta forma, o presente artigo visa estratificar a contribuição da equoterapia na construção de metodologias terapêuticas e educacionais como válvulas de escape no que tange os transtornos de aprendizagem, bem como estabelecer e correlacionar a tridimensionalidade do movimento do equino aos fenômenos motores, e, destarte, cognitivos e psicológicos em prol da viabilização do desenvolvimento biopsicossocial pleno de indivíduos com deficiências ou déficits adversos. Assim, através de levantamento bibliográfico numa vertente descritiva a partir de pesquisas qualitativas e exploratórias, tem o intuito de adentrar às teorias a respeito do tema. Tem-se como principais autores: ANDE (2010), LERMONTOV (2004), VYGOTSKY(1994), utilizando-se fontes de pesquisa primárias e secundárias, busca-se a articulação de reflexões acerca da temática, bem como a constituição de análise de caráter exploratório perpassando os imbróglis na estabilização da prática nos métodos hodiernos e suas possíveis nuances benéficas.

Palavras-chave: Biopsicossocial; Equoterapia; Psicomotricidade; Transtornos de Aprendizagem;

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de sua existência, o ser humano tem como uma de suas marcas sua relação com os animais, além disso, as descobertas humanas a nível interno e externo trouxeram e ainda trazem revoluções, inovações e benefícios. Entre essas relações, explorou-se o uso de cavalos como agente contribuinte terapêutico, surgindo então a atual equoterapia. A contribuição do cavalo como advento terapêutico se deu a partir da Primeira Guerra Mundial, onde eles eram usados no processo de reabilitação de soldados com sequela de batalha (FIUZA, J. et al. 2018, p.21). “O termo “equoterapia” denomina todas as práticas que utilizam o cavalo, as técnicas de equitação e as

atividades equestres, visando ao desenvolvimento global e à reabilitação ou à educação do praticante” (FIUZA, J. et al. 2018 p. 21 apud ROHDE, L. A. et. al., 2000).

É notável ao longo dos anos que o uso de terapias através de atividades equestres vem aumentando consideravelmente. Nesse sentido, busca-se responder a seguinte indagação: Qual a contribuição da equoterapia na construção de metodologias terapêuticas e educacionais? Há diversas melhorias para aprendizagem psicomotora e reabilitação psicomotora.

Entende-se por equoterapia a atuação do cavalo em terapêuticas que visam beneficiar o paciente em âmbitos como o psicológico, o educacional e o físico, ou seja, a equoterapia age em busca do desenvolvimento biopsicossocial de pessoas deficientes (ANDE, 1999, apud EQUOTERAPIA, 2008). É sob esse viés que se pode definir a equoterapia como oportunidade única de aprendizagem, uma vez que não apenas lidando com estímulos motores, analisa-se também o âmbito da autoestima, da motivação, do processo comportamental do indivíduo e da sua maneira de se relacionar com o outro.

Embora a equoterapia não seja uma novidade, no que tange às pesquisas científicas e comprovações a seu respeito, ainda existe muito a se explorar. Nesse contexto, pode-se dizer ainda que em algumas pesquisas realizadas a equoterapia é uma grande contribuinte no desenvolvimento de funções motoras básicas, o que se faz necessário em pacientes portadores de paralisia cerebral ou síndrome de Down, por exemplo, embora possa ser aplicada em diversos tipos de condições.

Pode-se considerar em pacientes com quadros que geram implicações físicas, o potencial cinesioterapêutico da equoterapia tendo em vista os múltiplos estímulos motores apresentados pelos movimentos do equino. No Brasil, em maio de 1989 surgiu a Associação Nacional de Equoterapia (Ande Brasil), visando oferecer a equoterapia como meio de reabilitação, contribuindo ainda com entidades não governamentais, arrecadando recursos, estimulando a implantação da equoterapia além do estabelecimento de convênios. (ANDE, 1999, apud EQUOTERAPIA)

Por conseguinte, o presente trabalho visa estratificar a contribuição da equoterapia na construção de metodologias terapêuticas e educacionais como válvulas de escape no que tange os transtornos de aprendizagem, estabelecer e correlacionar a tridimensionalidade do movimento do equino aos fenômenos motores, e, destarte, cognitivos e psicológicos em prol da viabilização do desenvolvimento biopsicossocial pleno de indivíduos com deficiências ou déficits adversos e abordar

através do levantamento bibliográfico as questões que permeiam o uso da equoterapia como grande avanço no processo de reabilitação psicomotora de crianças portadoras de alguma condição que as impede de vivenciar seu desenvolvimento de forma espontânea, perpassando assim os caminhos desde a aprovação de seu uso, até os benefícios que pode trazer.

2. OS ASPECTOS PRINCIPAIS DA EQUOTERAPIA

Sabe-se que na área da saúde e da psicologia muito se busca a respeito de terapias e soluções alternativas, que cada vez mais ganham espaço e aprovação. Entre essas práticas, está a equoterapia. A equoterapia pode ser usada em várias esferas de tratamento, se aplicando tanto à saúde física quanto mental, podendo contribuir para o ajustamento emocional e também ampliando o repertório comportamental do paciente.

A equoterapia tem se mostrado eficiente na intervenção terapêutica psicomotora, sendo assim, é capaz de proporcionar estímulos que produzem melhorias significativas na tonicidade, que consiste na “dosagem adequada da tensão muscular para cada gesto ou atitude”. (Lermontov, 2004, p. 24, apud OSÓRIO, p. 7). Pode-se inferir também a respeito das melhorias proporcionadas no que despe ao equilíbrio do paciente, que por sua vez é um atributo fundamental para a consciência da mobilidade.

Nesse viés, é possível dizer que de acordo com Campos (2007), o cavalo possui naturalmente três andaduras, sendo elas: o passo, o trote e o galope, movimentos esses que são sucintos na efetividade terapêutica, a partir disso, Mendes (2008) afirma que cada passo do cavalo é capaz de produzir entre 1 e 1,25 movimentos por segundo, de modo que em aproximadamente 30 minutos o cavalo possa produzir de 1800 a 2500 ajustes tônicos.

Isso se deve ao fato de que os estímulos provocados pelos movimentos na cintura pélvica são transmitidos ao cérebro através da medula por uma frequência de aproximadamente 180 oscilações por minuto, o que foi comprovadamente apontado como benéfico. Ainda segundo propôs Barbosa e Munster (2011, p.26), os benefícios proporcionados por esses estímulos se estendem à modulação do tônus muscular, à consciência corporal, à integração do aparelho vestibular, à melhoria da postura e ao

aumento da capacidade ventilatória na respiração, podendo também colaborar na concentração, o que é de suma importância para crianças especiais.

Além do supracitado, Gavarini (1995, apud FREIRE, 1999, p.32), além dos benefícios cinesioterápicos, a equoterapia tem grande participação no âmbito psíquico, visto que através do contato com o animal o paciente pode desenvolver e modificar atitudes e comportamentos, uma vez que a equoterapia, ao depender da patologia, pode ser utilizada como intervenção principal ou secundária, visando a possibilidade de uma reabilitação global do paciente aliando o apoio fisioterapêutico ao psicológico.

2.1. A organização da equoterapia

De acordo com Lermontov (2004, p.103 - 104), a equoterapia é dividida por fases, ou programas, que variam conforme as necessidades do paciente e dos objetivos a serem alcançados. Esses programas, por sua vez, consistem em:

Hipoterapia: se dá quando o paciente ainda não consegue ou não tem condições físicas necessárias para se manter em cima do cavalo sem ajuda de terceiros, sendo assim, o terapeuta pode montar o cavalo juntamente ao paciente, a fim de lhe garantir segurança, ou acompanhar a pé, proporcionando apoio ao praticante. Nesse período o cavalo é fundamentalmente usado como instrumento cinesioterapêutico, visando a reabilitação de pessoas portadoras de alguma patologia física e/ou mental.

Educação e Reeducação: essa fase é caracterizada por o cavalo continuar proporcionando estímulos através de movimentos tridimensionais e multidirecionais, contudo, o cavalo tem um papel principalmente pedagógico. Além disso, essa fase do programa é vivenciada por pacientes que se sustentam em cima do equino com pouco ou nenhum auxílio.

Pré-esportivo: esse programa pode ser aplicado tanto na área educativa quanto na reabilitativa, sendo que os participantes dele possuem as devidas condições para conduzir e montar sozinho, de modo que possa até mesmo realizar atividades de hipismo. Contudo, para muitos pacientes essa fase não é alcançada devido às limitações proporcionadas por sua patologia.

Além da respectiva divisão sub apresentada, é importante explorar a composição e o trabalho da equipe responsável pela aplicação dos fundamentos

terapêuticos através do trabalho com os equestres. Sendo assim, existe uma rede que sustenta as atividades e suas fases, sendo composta por médicos - que normalmente são responsáveis por encaminhar o paciente para esse tipo de intervenção terapêutica após avaliar seu quadro -, o profissional fisioterapeuta, psicólogo, pedagogo, instrutor de equitação, veterinário, entre outros que variam de acordo com as particularidades de cada caso e suas demandas, sendo assim, a equipe composta de forma multidisciplinar.

2.2. Indicações e contraindicações da equoterapia

Embora a aplicação da terapia equestre seja responsável pela garantia de muitos benefícios ao paciente, sendo cabível nos mais variados casos, desde patologias ortopédicas a neurológicas, existem também fatores que impossibilitam que o paciente esteja habilitado para essa prática devido às condições específicas onde o uso da equoterapia poderiam agravar o quadro.

De acordo com FIUZA et. al (2018, p. 29), alguns quadros estabelecem restrições absolutas ou relativas para a prática, sendo eles

(...) os quadros inflamatórios e infecciosos, cifoses e escolioses com curvatura acima de 30°, luxação e subluxação de quadril, instabilidade atlantoaxial, osteoporose, osteogênese, espondilólise, hérnia de disco intervertebral, epilepsia, obesidade, alergia ao pelo do cavalo, medo excessivo, doença de Schuerman, cardiopatia grave, hemofilia, bem como problemas comportamentais do praticante que coloquem em risco sua segurança ou a da equipe (FIUZA et. al 2018, p. 29)

A partir dessas constatações, e da ponderação dos prós e contras da intervenção equoterapêutica, é necessário que a equipe profissional avalie com proximidade cada caso, a fim de que os benefícios que podem ser proporcionados através da prática sejam sempre em número superior aos impasses, levando em conta as particularidades de cada caso e a aplicabilidade. Sendo assim, apesar de ampla, a equoterapia não se encaixa em um nicho generalizante, uma vez que sua aplicação varia muito de acordo com as nuances da condição de cada paciente.

3. A EQUOTERAPIA E A MULTIDIMENSIONALIDADE

Como supracitado, a equoterapia pode se alinhar a outras práticas terapêuticas, se encaixando no quadro do paciente como advento central ou não da reabilitação. A partir disso, é possível inferir a notável variabilidade no trabalho com os cavalos. Sendo assim, de acordo com Lermontov (2004, p. 49, 50), em países como a Itália, a equoterapia é um “tratamento acessível a todas as classes sociais”, e a Associazione Nazionale Italiana di Riabilitazione Esquestre (ANIRE), institui que para além da reabilitação psicomotora de cunho cinesioterápico, é possível através da utilização dos cavalos atividades que se aliam à equoterapia como a reeducação equestre, onde o cavalo é posto como instrumento pedagógico, o pré-esporte, onde o cavalo promove a realidade social preparando os pacientes para sua inserção na sociedade, e o esporte.

A partir disso pode-se concluir que a equoterapia pode ser aplicada em variadas modalidades, e ainda para diferentes tipos de patologia, tal como dismorfismos esqueléticos, doenças do crescimento, malformações, patologias da coluna, acidentes que deixaram alguma sequela, amputações, poliomielite, para ou tetraplegia, Doença de Parkinson, hidrocefalia, entre outras uma vez que a flexibilidade de sua utilização proporciona múltiplos benefícios e pode ser aplicada desde a infância até as idades adultas.

3.1. A atuação da equoterapia a nível subjetivo

Pode-se dizer que muito embora a equoterapia apresente eficácia no tratamento de disfunções de cunho puramente físico, ajudando em questões como a melhoria do equilíbrio e da coordenação motora, da postura, contribuindo ainda para a flexibilidade muscular, consciência corporal e melhorias na respiração, as terapêuticas utilizando o cavalo também se apresentam funcionais a nível cognitivo, de modo a contribuir para melhorias nos padrões patológicos.

Com base nisso, a terapia equestre pode ser devidamente aplicada para o desenvolvimento da integração dos sentidos, o aperfeiçoamento das funções intelectivas. A exemplo, é possível citar o sistema de fala e linguagem, que são estritamente influenciados pelo sistema motor do indivíduo. A contribuição equestre nesses aspectos se deve ao fato de que durante o processo o indivíduo pode, através

da percepção-espço visual, desenvolver maior controle e adquirir a coordenação fonorrespiratória necessária para o desenvolvimento dessas habilidades. (Lermontov, 2004, p.94).

Ainda a nível psicológico é possível a constatação de benefícios terapêuticos no bem-estar do paciente, visto que a equoterapia é realizada ao ar livre em um ambiente natural, afastando o espectro institucional de uma clínica, sendo um fator importante para uma recuperação integral; além disso, é possível perceber intervenções na autoconfiança do paciente, o que se deve à ideia de ter controle sobre um animal maior e mais forte que o indivíduo, de modo que a prática terapêutica pode proporcionar gradualmente melhorias na autoestima.

Nesse contexto, FIUZA et. al (2018, apud UZUN, 2005, p. 42) afirma que

Como destaca Uzun, o uso do cavalo propõe atividades e brincadeiras com o intuito de que o praticante pegue em suas mãos a “rédea” de sua própria vida, trabalhando conflitos, traumas e desorganizações comportamentais por meio da conscientização de suas potencialidades, do resgate da autoestima e da autoconfiança (FIUZA et. al 2018, apud UZUN, 2005, p. 42)

Contudo, no que tange o aspecto da relação entre o paciente e o estímulo, é necessário que haja um vínculo afetivo que normalmente se desenvolverá ao longo do processo, tornando as atividades prazerosas tanto para o cavalo quanto para o paciente, sendo necessário que a certificação de que o cavalo não sofre maus tratos e que sua domagem não seja feita de forma brutalizada, o que impossibilitaria o estabelecimento do vínculo afetivo, e por conseguinte, a prática terapêutica.

3.2. A Equoterapia e os Transtornos de Aprendizagem - a abordagem

Segundo a Associação Nacional de Equoterapia - ANDE-Brasil (2010), o método de equoterapia poderia ser articulado como a utilização do cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, de acordo com a multidimensionalidade previamente mencionada, e, ainda, como método auxiliar no projeto do desenvolvimento de pessoas com deficiência, pressupondo dessa forma inúmeras vantagens e benefícios ao indivíduo em questão. Não apenas biologicamente, no sentido das respostas motoras e na regulação de inúmeras habilidades, a autoestima do indivíduo é colocada em questão, uma vez que a montaria proporciona (Marcelino e Melo, 2006) sensação de segurança e autoestima, bem como a capacitação do corpo mediante a

postura e o olhar ao redor, desempenhando e estruturando a motivação, o autocontrole, a concentração, e, portanto, o processo de aprendizagem. No que se refere ao papel da motivação no processo de aprendizagem, pode-se apontar a disposição na participação não apenas em tarefas e deveres designado, mas a busca pela melhoria e pelo processo de autoconhecimento, de forma com que se torna fundamental ao desenvolvimento sadio do indivíduo (Lourenço e Paiva, 2010). De acordo com o supracitado, Vygotsky (1994) possui diversas teses pertinentes ao que se refere aos métodos educacionais aplicados a crianças com necessidades educacionais especiais. De início, é pertinente citar a imprescindibilidade das interações sociais e da interação com o mundo como base do desenvolvimento cognitivo, sendo a carência de estímulos potencialmente debilitadora para o processo de aprendizagem de crianças com deficiência, dessa forma, mostra-se indispensável a inserção da criança nos ambientes foco de interação social e experiências que desafiem e estimulem as capacidades cognitivas.

Vygotsky ainda discorre, especificamente sobre crianças, sobre a necessidade de se recorrer às chamadas "rotas alternativas" que estimulem a esquematização de objetivos e ativem o processo, reconhecido por ele, da "supercompensação" que ocorre quando, de certa forma, a criança supera a gravidade de sua limitação através de processos substitutivos hiper estruturados, que dependem da qualidade dos estímulos ambientais e das interações. Sob à luz disso, Vygotsky incentiva métodos e práticas que fujam ao convencionalismo da dependência e submissão mediante o professor, definindo o desenvolvimento de uma criança com deficiência não como inferior ao de uma criança não deficiente, mas apenas diferente, tendo o âmbito social um importante lugar como base dos processos compensatórios.

A pobreza de estímulos tão condenada por Vygotsky pode ser encontrada, sem muita necessidade de rebusca, em configurações socioeducacionais atualmente, onde há precárias experiências frutos da despreparação do sistema estrutural para atender a demanda do aluno de forma individual.

A noção de autoestima, autoconceito e a percepção de si é reproduzida fortemente nos anos escolares e no cenário educacional, impactando de forma inegável o comportamento e a produtividade da criança, bem como, em caso de déficit nessas áreas, pode acarretar no comprometimento do processo de desenvolvimento biopsicossocial, não restringindo-se apenas ao cenário acadêmico. Pode-se citar também o aspecto social da abordagem equoterápica, uma vez que conforme Freire

e Escobar (2009) dissertam, ocorre simultaneamente a relação e a interação entre dois seres, onde a interação entre pares aponta-se como oportunidade não apenas da construção de confiança e autoestima, mas também pelo apreço ao outro e empatia.

Através de um estudo descritivo, com delineamento de duplo caso, seguindo o modelo da Educação/ Reeducação pôde-se averiguar acerca dos benefícios da equoterapia no que tange o aspecto motor a autopercepção de crianças com dificuldades de aprendizagem. O estudo foi realizado em Palhoça, Santa Catarina e documentado por Prestes, Weiss, OLIVEIRA ARAÚJO (2010), tratou-se da escolha dos sujeitos do estudo através da Escala do Perfil de Auto percepção para Crianças e Escala de desenvolvimento motor, uma vez que as duas com o pior desempenho na metodologia da escala foram selecionadas, o programa de equoterapia ocorreu ao decorrer de três meses, duas vezes por semana envolvendo não apenas a montaria mas o cuidado com o equino. Os testes da escala foram novamente realizados após 24 sessões de intervenção, acentua-se a idade dos sujeitos de 10 e 11 anos, na quarta série, onde o processo de alfabetização no que tange a leitura e a escrita está em voga sendo anos fundamentais para a aquisição dos processos. Os dois indivíduos apresentaram melhoras significativas em ambas às escalas, uma vez beneficiado a nuance motora e os domínios da autoestima e do autoconceito, corroborando o supracitado por GALLAHE e OZMUN (2005) sobre a correlação entre os processos de aprendizagem, de cognição e raciocínio lógico no que tange atividades motoras e papel ativo por parte da criança.

O estudo, portanto, apontou significativo potencial no processo equoterapêutico no que tange os ganhos como abordagem metodológica de educação e reeducação, cabendo maiores estudos em âmbito nacional da integração entre a terapêutica motora supra averiguada e os processos de formação das crianças com DA.

3.2.1 A Equoterapia e o TDAH

Uma das principais causas do insucesso escolar, e no que tange dificuldades de aprendizagem, no contexto do Brasil é o Transtorno Déficit de Atenção/ Hiperatividade. Le Boulch (1987) discorre sobre a relação entre psicomotricidade e atenção, onde a alteração da organização da imagem corporal dialoga diretamente

com as dificuldades de atenção, imbróglio que frequentemente impacta com os processos de aprendizagem e aquisição de conhecimentos do indivíduo, onde o atraso escolar está frequentemente relacionado a instabilidades psicomotoras, picos de energia física cabendo excesso motor e verbal em detrimento a relevante déficit no que tange manter atenção.

As características psicomotoras acarretadas pelo diagnóstico de TDAH já mostram-se perceptíveis antes dos sete anos, contudo, quando inserido no ambiente social de aprendizado no âmbito educacional vê-se acentuada as discrepâncias entre a criança com o déficit e a criança com desenvolvimento típico (DT), segundo Rohde e Halpern (2004) é possível identificar, neurologicamente os indícios do comportamento hiperativo em torno dos quatro e cinco anos da criança, quando a área pré frontal completa o processo mielino genético, onde (nas crianças que possuem a deficiência) as áreas anteriores mieliniza-se por último, pontuando-se maturação neuronal encefálica pósterio-anterior.

O deslocamento do corpo da criança. ao trote tridimensional do cavalo, estimula aspectos sensoriais e psicomotoras, bem como o ajuste tônico, o alinhamento corporal e a força muscular. o que proporciona a aprendizagem de atividades funcionais (Medeiros; Dias, 2002) onde também padrões coordenados de controle são providos a partir do centro de gravidade da circunstância, onde a base de suporte dinâmica sustenta o corpo da criança (Freire, 2000) bem como inúmeras adequações e readequações posturais, sendo necessária constante atenção e controle postural (Marins, 2010). Os movimentos de progressão do cavalo, o passo, o trote, e o galope, proporcionam as crianças referências de espaço/tempo e movimento, através de sua constância, cadência e repetição. É importante acentuar que a abordagem favorece respostas adaptativas, onde os participantes da atividade podem apresentar resultados diversos e inerentes a cada sistema, cabendo ao tratamento a linearidade as necessidades de cada indivíduo, contudo a gama de estudos que mostram ganhos significativos enquanto alternativa pedagógica no que refere-se ao efeito da metodologia no tratamento de crianças do TDAH é, de forma geral, extensa e eficaz.

3.2.2 A Equoterapia e o Autismo

O Transtorno Espectro Autista (TEA) trata-se de uma síndrome comportamental que compromete o desenvolvimento psicomotor, neuronal do

indivíduo e manifesta-se em diversos aspectos da vida cotidiana, uma vez que gera prejuízos a linguagem e a sociabilidade, dificultando a interação entre pares e apresentando comportamento e interesses restritivos e repetitivos. O transtorno pode ser percebido, em casos mais graves prévio aos doze meses, mas em casos mais leves após os dois anos. Apresenta-se níveis de gravidade, onde o nível três estratifica o mais grave e o um o menos grave. podendo haver progressão ao decorrer do tempo (Associação Americana de Psiquiatria, 2014).

Entre as diversas propostas de intervenção alternativas, almeja-se a rota da supercompensação de Vygotsky, onde a humanização da prática educacional bem como a constante necessidade de atualização dos métodos que fujam ao convencionalismo, destaca-se a terapia com animais (TAA) propiciando-se não a cura literal, mas a possibilidade de um desenvolvimento funcional que promova a independência e o desgaste físico e emocional do indivíduo. (SILVA; LIMA; SALLES, 2018). O vínculo afetivo de crianças autistas mediante a prática da equoterapia, correlacionado pela teoria da etiologia do autismo de Winnicott, onde falhas no estágio de dependência absoluta, por parte ambiental e do cuidado materno, impossibilitou a trajetória da constituição do psiquismo da criança, onde as características do autismo seriam mecanismos de defesas de compensação mediante às falhas e as faltas.

O tratamento tratar-se-ia de uma experiência regressiva que buscasse reviver as etapas precarizadas anteriormente, restituindo os processos do infante. Na equoterapia, Winnicott cita o cavalo como ambiente facilitador, objeto transicional, na conquista do amadurecimento emocional. Sob essa perspectiva, Freire (1999) em suas pesquisas aponta a aceitação das crianças autistas ao animal equino, situação propícia de interação e contato social (mesmo com a equipe de assistência), proporcionando oportunidades de estímulos ausentes no ambiente tradicional educacional gerando aumento no desenvolvimento cotidiano e dos níveis de empatia para com o outro, tratando-se de um meio de transição onde a criança estabelece vínculo e desenvolve a própria motricidade, em meio a estimulação corpórea extensivamente supracitada.

METODOLOGIA

O presente trabalho se desenvolveu a partir de pesquisas qualitativas exploratórias com o intuito de adentrar as teorias a respeito do tema proposto, tendo

por base o levantamento bibliográfico através do uso de plataformas que disponibilizam artigos científicos como a SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), através das palavras-chave “equoterapia; reabilitação psicomotora; psicomotricidade” buscando-se enfim a correlação de ideias e conceitos preexistentes almejando-se articulação de reflexões acerca do abordado.

Concomitante a isso, foram utilizados trabalhos bibliográficos como “Equoterapia na Superação de Dificuldades de Aprendizagem”, e “Psicomotricidade na Equoterapia”, que foram fundamentais para o norteamto teórico do trabalho. Além dos recursos respectivamente apresentados, foi de suma importância a bagagem teórica composta pelos aprendizados adquirida ao longo da formação.

CONCLUSÃO

Sob à luz das estratificações do estudo, pode-se estabelecer as nuances benéficas extensas da introdução da equoterapia enquanto não apenas alternativa terapêutica e educacional, mas corrente de tratamento eficaz e viável. Caracterizada distintamente por sua multidimensionalidade, os limites da equoterapia ainda estão em aberto, estando nesse trabalho o foco voltado para o enfoque com a educação/reeducação.

Pôde-se observar no que tange os indivíduos com transtornos de aprendizagem, através da análise de dados de experimentos realizados, ganhos significativos biopsicossocialmente, estando a relação entre a psicomotricidade e o trote do cavalo responsável por estímulos motores, estabilização corpórea, além dos valores psíquicos - a autoestima, a motivação, o autoconhecimento e das capacidades cognitivas utilizadas e desenvolvidas durante a interação. A equoterapia posiciona-se como forte candidata para as rotas de supercompensação de Vygotsky, cabendo como ambiente facilitador as mais diversas particularidades do indivíduo - área de déficit da metodologia tradicional educativa.

Contudo, vê-se tangivelmente a necessidade de maiores estudos acerca da abordagem terapêutica e da uniformização da mesma no sistema comum educacional, uma vez que fora demonstrada em inúmeras ocasiões seu potencial e amplitude, além disso, faz-se necessário que a terapia equestre passe a ser uma proposta terapêutica mais comum e acessível, uma vez que isso, além de abranger

mais pacientes, possibilitaria que mais conhecimentos a respeito da prática fossem adquiridos.

REFERÊNCIAS

ANDE-BRASIL. **Associação Nacional de Equoterapia**. Apostila do Curso Básico de Equoterapia. Brasília: Autor, 2010.

BARBOSA, G. O., MUNSTER, M. de A. **Equoterapia: implicações nos aspectos psicomotores das crianças com TDAH**. In: Anais do VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Londrina, 2011.

CAMPOS, C. S. **Equoterapia: o enfoque psicoterápico com crianças down**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2007.

EQUOTERAPIA: ANDE (1999). Disponível em <<http://equoterapia.org.br/>>. Acesso em 25 de agosto, 2020.

FREIRE, H. B. G. **Equoterapia - Teoria e Técnica: uma experiência com crianças autistas**. São Paulo: Vetor, 1999.

_____; ESCOBAR, C. Horse riding therapy in attention déficit and hiperativity disorder (ADHD) [Resumo]. Federation of Riding for the Disable International, 2009.

LE BOUCH, J. **Educação psicomotora**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LERMONTOV, T. **Psicomotricidade na Equoterapia**. São Paulo: Ideias e Letras, 2004

LOURENÇO, A.A.; PAIVA, M.O.A. **A motivação escolar e o processo de aprendizagem**. *Cien. Cogn.* 15 (2), 132-141, 2010.

MARINS, B.B. **O cavalo como instrumento psicomotor**. 2010.

MEDEIROS, M.; DIAS, E. **Equoterapia: bases e fundamentos**. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

MENDES, A. M. Os benefícios da equoterapia para crianças com necessidades educativas especiais. 2008.

OSÓRIO, I. C, do. **Psicomotricidade na pré-escola**. Belo Horizonte: Lancer.

PRESTES, Daniela Bosquerolli; WEISS, Silvio; OLIVEIRA ARAUJO, Julio César. A equoterapia no desenvolvimento motor e autopercepção de escolares com dificuldade de aprendizagem. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 15, n. 3, p. 192-203, dez. 2010

ROHDE, L. A., BARBOSA, G., TRAMONTINA, S., POLANCZYK, G. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: atualização diagnóstica e terapêutica. Revista Brasileira de Psiquiatria. 2000

_____; HALPERN, R. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: Atualização. Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro, v.80, n.2, p.61-70, 2004.

SILVA, Aline Soares Mazzeu da; LIMA, Fabiane Petean Soares de; SALLES, Rodrigo Jorge. Vínculo afetivo de crianças autistas na equoterapia: uma contribuição de Winnicott. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo , v. 38, n. 95, p. 238-250, 2018

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

UZUN, A. L. L, de. Equoterapia aplicação em distúrbio do equilíbrio. São Paulo: Vetor, 2005.